



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

13 DE OUTUBRO DE 1956
Ano XIII — N.º 329 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO



Mão no ombro, rosto franzido — sinais de uma vida que se gastou em amor.

CHEGADO ao Porto empregou-se numa casa de ferragens e, mais tarde, matriculou-se no Instituto Commercial e Industrial.

Mas havia de partir mais cedo para África. Um dia, sua mãe teve de se deslocar ao Porto e encontrou o seu querido Américo na rua a carregar uma caixa de pregos. O seu coração apertou-se de tristeza. O seu querido filho pelas ruas da cidade, com uma caixa de pregos às costas como um carregão!? Não podia ser. Com esta mágoa regressou a casa e, mal chegada, foi ter com o pai e tanto lhe ralhou e tais argumentos empregou em defesa do seu Américo, que ficou logo resolvido que ele seguisse o mais breve possível para África. Para lá embarcou no dia 19 de Novembro

Facetas de uma Vida

de 1906, tendo chegado ao Chinde em 24 de Dezembro desse mesmo ano. A viagem correu bem e é ele mesmo que o afirma em carta escrita ao irmão mais velho, P.e José, datada de 24 do 12 de 1906. Dizia nessa carta: «Hoje mesmo, no célebre dia 24 às 3 horas da tarde, hora em que naturalmente está a nossa boa gente a meter o bacalhau à panela e a lavar as batatas, escrevo-lhe dando-lhe parte da minha chegada... «depois de ter 20 dias de mar, que passei sem custo algum»... «quanto ao meu futuro não sei o que lhe hei-de dizer. Não sei se ficarei por aqui ou se irei para o interior»... Ficou no Chinde como era seu desejo, pois numa carta dali escrita dizia: «... Não sei se irei para Lourenço Marques, ou se ficarei por aqui, que era exactamente a minha vontade por causa do clima».

co tempo demorou. Saciadas as saudades dos seus, da sua terra e retemperadas as forças, voltou ao Chinde onde chegou em Novembro desse mesmo ano. Novo período de trabalho, até 1917. Era então ainda o mesmo Américo que foi, mas dizia-se que estava rico. A mesma alegria, o mesmo «bon vivant». Continuava a frequentar as festas, cantava, dançava. Nestas férias, numa das romarias a que foi em companhia de seu irmão Joaquim e do Nogueira Latoeiro, levou com espanto do seu irmão e do amigo, uma fronha de travesseiro. — «Américo para que levas isso? E o Américo nada. Uma vez chegados à festa vai o Américo junto duma doceira e compra-lhe quantos doces tinha na tenda. Cheio o travesseiro, os que nele não couberam foram imediatamente distribuídos pelos pobres; os que ficaram na fronha, que o Nogueira carregava, ia-os distribuindo por outros pobres e pelo rapazio que acorria atrás da guloseima. A todos dava doces com grande prazer e alegria.

No Chinde iniciou, pois, a sua vida profissional, na firma The British Central Africa, C.ª L.d, para a qual entrou em Julho de 1907. Em Maio de 1912 veio à metrópole visitar os seus e descançar. Veio o mesmo Américo. Folgazão, bem disposto e com aquela sua tão característica alegria, tão viva e tão comunicativa. Ia com seus irmãos às festas e divertia-se a seu bel prazer. Pou-

O seu espírito alegre e brincalhão até no exercício da caridade se manifestava. Estava um dia o Américo e sua família a almoçar quando um pobre bate à porta. (Continua na 3.ª página)

O Doente Pobre na Família Paroquial

Os Consultórios ou Dispensários Paroquiais para Pobres são dum grande alcance social. Quem alguma vez esteve a braços com uma enfermidade grave e demorada, impossibilitado de trabalhar, sabe as despesas que teve com o Médico e Farmácia. É sobretudo esta, na maior parte das vezes, que torna diffeil a cura do doente pobre. A nossa Sociedade anda às avessas. Quem não pode devia ter quem no ajudasse. Todos deviam viver para o doente poder curar-se depressa. Mas nem sempre isso se dá. Quando este já não pode com mais despesas, começa, tantas vezes, a sentir-se abandonado. As Farmácias estão abertas para vender me-

dicamentos e não para outra coisa. Ora o Pobre não tem dinheiro. Temos de socorrê-lo nas nossas paróquias. Medicamentos e assistência clínica, tudo graciosamente. Urge a criação de Dispensários Paroquiais.

Ordenando assim as coisas, o Pároco está perto daqueles que o mundo segrega, pois é Pai de todos, principalmente dos mais necessitados. Sofre com eles, com os mais pequeninos. Imprescindível, porém, se torna nesta modalidade de Assistência e Caridade que os Pobres não se sintam humilhados pela maneira como são tratados. A sua condição social não deve ser recordada por ninguém, senão para lhes prestar aquelas atenções a que Jesus tem direito. Temos de pôr o Pobre no seu lugar. Ele identifica-se com Cristo. Terá, então, o mesmo tratamento. «Todas as vezes que fizerdes qualquer coisa ao mais pequenino destes meus irmãos é a mim que o fazeis». É do Evangelho.

Somos irmãos? Quando virá, então, o dia em que todos vejamos, nos lugares onde Cristo continua a sofrer nos Seus membros místicos, dispensar-se, tanto aos pobres, como aos abastados, a mesma atenção e carinho, o mesmo tratamento, os mesmos cuidados clínicos? O Pobre deve usufruir pela Caridade o que o abastado pela Justiça, pela remuneração. Se houver alguma diferença, seja em benefício do mais pobre, do mais necessitado, do mais doente. Assim se faz no Hospital de S. José de Rotondo, em Itália, talvez mais conhecido por «Casa para

alívio do sofrimento», obra do Padre Pio. Ricos e Pobres são lá vizinhos. Abrem-se as portas aos doentes de todas as classes sociais. O mesmo tratamento para quem tudo paga porque pode e para quem nada dá porque nada tem. Parece que alguma coisa haverá a aprender do Padre Pio!

Como fundar um Dispensá-

(Continua na 3.ª página)

CRIADITAS DOS POBRES

É já no próximo dia 23 que elas vêm ocupar seu posto em Miragaia.

Quem passa frente à Alameda nota uma casa cor de rosa de maiores dimensões. É essa. Em cima uma pequena residência. No andar fundeiro, consultório médico, balneários, sala para a sesta dos pequeninos, que suas mães passam a deixar ali enquanto vão ganhar seu pão. Aquelas cestas com crianças pejudas de moscas ao lado de cabazes de fruta no mercado da dita, ao infante, não digo que vão desaparecer, mas diminuir sim.

No próprio Bairro D. António Barroso a presença delas há-de ser um foco de paz.

O mobiliário indispensável já está a fazer-se na nossa car-

(Continua na 2.ª página)

AQUI, LISBOA!

A Caridade impele-nos a amar a Deus e ao nosso próximo, enquanto imagem d'Aqule. Ora tendo objecto duplo em estreita relação de subordinação, ou seja, consistindo a Caridade em amar a Deus e simultaneamente em amar o nosso semelhante por causa de Deus, sucede por vezes que aquela virtude não se exerce sob o verdadeiro prisma. Há quem ame a Deus esquecendo o próximo, como também se ama o próximo ignorando quem ele representa. Mas a Caridade subordina, une. Não a pratica integralmente quem esquece um dos termos do seu objecto. Se há erro da parte de quem a exerce, há igualmente ignorância do que ela seja entre os que materialmente beneficiam. Estes julgam ser, em muitas circunstâncias, o termo primário e exclusivo da Caridade.

Isto tudo vem para dizer que esteve entre nós uma Assistente social a queixar-se duma pobre que a Conferência do Lar de Lisboa tem em mira ajudar. Concorde que a dita pobre tem casa miserável com muitos filhos. Mas acrescenta que as receitas financeiras dão uma média diária de 20 escudos por pessoa; que também nunca viu sopa no banco que serve de mesa de jantar, antes tem dado com os filhos a comer peru e bolos; que vamos com cautela porque nos enganaram quando para ali nos traçaram rota.

Em ocasiões anteriores, os nossos rapazes têm vindo com queixas idênticas, a respeito dos pobres: — que alguns deles andam bem vestidos, que

frequentam todos os divertimentos, que só a casa é que é má.

Há portanto algo a corrigir no exercício da nossa Caridade. Eu ralho com os vicentinos para dizerem o que ali vão fazer, a fim dos pobres não julgarem que é exclusivamente por eles, mas com os olhos mais no Alto, que é mesmo por os termos erguidos para o Alto.

Não vamos diminuir a intensidade de amor ao semelhante, nem vamos criteriar por simpatias ou credos. Importa-nos, sim, corrigir o modo como praticamos a Caridade. Trata-se dum problema educativo com base no Evangelho, nas próprias palavras do Mestre, quando se referiu ao juízo final. As obras de misericórdia são de duas espécies: corporais e espirituais. Ora a nossa Caridade é por vezes incompleta, em virtude de ser apenas material para quem recebe, ainda que o facto de ser assim não diminua o valor sobrenatural do que fazemos. Não basta, porém o dar, é preciso olhar ao mais conveniente. No caso daquela pobre com muitos filhos, preferível seria que as mãos curinhas, tão prontas até hoje em ajudá-la, a tivessem ensinado a fazer o caldo para a família numerosa, do que depor-lhe nas mãos aquilo que serviu para comprar bolos, mas não matou a fome.

Vamos aos Pobres, nunca deixemos os Pobres por amor de Quem são imagem, mas com inteligência e amor. Que aquela e este não faltem a guiar nossos passos para bem dos Pobres.

Padre Baptista

Património dos Pobres

Estas visitas que continuamos fazendo a paróquias onde o Património é, são sempre a recapitulação prática de um ponto de doutrina.

Qualidades ou defeitos, tudo sugere uma palavra dita aqui ou acolá escrita, sempre nascida da Sabedoria da Caridade que Deus dá aos Seus escolhidos. Constantemente topamos com Pai Américo nesta viagem pela zona litoral ao norte do Douro. De resto, Ele é cada vez mais presente nesta hora em que a ferida arrefece e é o acordar das dores.

Nesta volta mais se arreigou em mim o pensamento profundo que gerou o Património: elevar o homem, tirá-lo da miséria que o brutaliza, para o restituir plenamente humano à acção de Cristo realizada pela Sua Igreja.

Em certas freguesias encontramos casas formosas, amplas. Nada do preciso falta nelas. Nada..., menos a assistência de quem ensine o Pobre do tugúrio a viver numa casa. E por isso o lixo corta-se. Quartos, cheios de luz e ar, apinhados de lenha ou feitos galinheiros, enquanto pais e filhos e filhas dormem a monte na promiscuidade que lhes era habitual. Assim a barraca continua. Já não é de latas e madeira velha. É de pedra e cal. É formosa por fora. Mas

a vida que dentro se vive conserva o teor antigo, de negro de fumo, que também suja as almas.

«Onde não houver vicentinos, não se façam casas». Mas não basta havê-los. É preciso que eles sejam... para além do nome. Não vá acontecer como aquela presidente numa conferência que não vai às reuniões por morar longe da Igreja. Os outros membros, se querem, têm de ir a sua casa. De modo que há a reunião propriamente dita e depois a reunião com a Presidente. Não sei se esta última se passa em roda da mesa do chá, entre uma trineadela num bolo e outra na vida alheia, como certas outras piedosas reuniões que eu conheço.

A Caridade é uma coisa muito séria. É o esqueleto da vida sobrenatural. «Se falar as linguas dos homens e dos Anjos; se tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios e se tiver fé a ponto de arredar montanhas; se der aos pobres todas as riquezas e entregar ao fogo meu corpo para que arda, mas não tiver caridade — sou como o bronze que soa ou o sino de tine — de nada me serve». Se Paulo voltasse a falar aos gentios da nossa cristandade não deixaria de repetir estas palavras fortes da Epístola aos Coríntios. A Cari-

dade é uma coisa séria. Não se vive a meias. Ou se é por Ela ou contra Ela, tal como com Cristo.

Pois desta feita saímos «Tomar» mais eu. Primeiro Ermezinde. Ali vai ser colocada a placa Domingos—Teresa numa casa muito linda quase à beira da estrada, ao lado da Sub-Estação Eléctrica que lá é.

Depois Águas Santas onde foi pedida a nossa opinião sobre uma pequena propriedade destinada a um «Calvário» paroquial. Eu achei que sim. E a velhinha desejosa de oferecê-la rejubilou. «Ai que medo eu tinha que não aceitassem!» De caminho demos um salto à Senhora Ana de Jesus mai-la sua neta, ambas muito faladas outrora nas colunas do Famoso.

A seguir Fajozes e Póvoa. Aqui é um grande bairro de vinte e duas. Arquitectura americanizada. Tudo muito bem, mas cheira pouco a lar. E a disposição das casas vai facilitar muitos sarilhos entre os moradores. Se falta ali o vicentino queimado pelo amor do Pobre e portanto cheinho de paciência e de autoridade...

Em Espozende foi um encantamento. Oh casas bonitas! Até a gente é graciosa da graça que ali se respira! Grandes quintais que dão quase até ao rio. O escultor de «primitivos», já conhecido dos nossos leitores, ocupava-se com um S. Pedro. «É nunca mais me faltou trabalho desde que o Pai Américo falou lá no jornal».

De Espozende é um salto a Marinhas. Ali não são casas do Património, mas pequeninos auxílios a famílias pobres que precisam de reparar ou aumentar suas casitas. O Pároco doe-se. Quer ajudar. A freguesia é pequenita e pobre. Pediu a Pai Américo, que prometeu. Lá fomos.

A noite foi em Viana. Uma pequena tertúlia com os velhos amigos dos gaiatos. Quem não gosta de sentir amor em sua volta? Feliz bocadinho! Faltou Padre Constantino. Outra vez será.

Em Gondarém, também não foi Património. Mas a obra

(Continua na quarta página)

CRIDITAS DOS POBRES

— Continuação da 1.ª página —

pintaria. Tudo muito simples, muito pobre. Depois, com retalhinhos de chita elas hão-de aformosear tudo de tal sorte que se encontrará ali um conforto que faz pensar. A fertilidade da Pobreza amada por amor de Cristo Jesus!

Vêm em 23, dia dos anos de Pai Américo. Abrem a casa em 24, aniversário da morte do Padre Lopes de Melo, seu fundador. Começam com o indispensável, e esperam o Porto. O Bairro de Miragaia passa a ter novo motivo de atracção. Elas querem vir sem nada. Sei que lhes não há-de faltar nada. Espero mesmo que apreciará quem lhes siga as pisadas e se decida a perder a vida para ganhar a Vida.

SETUBAL

Pela situação das Casas do Gaiato a certa distância das grandes cidades, nota-se a influência da cidade temperada com a vida rural.

E porque todas as nossas Casas têm, como apêndice, uma pequenina quinta e têm também obras em curso, e as mais antigas têm oficinas em actividade, facilmente podemos estabelecer o paralelo entre os vários ramos da vida humana.

E como a nossa grande preocupação é a vida do nosso semelhante, vida como criaturas humanas e como filhos de Deus, daí a nossa aflicção por todos os problemas sociais, seja qual for o seu aspecto.

O Senhor Ministro das Corporações, no seu último dis-

curso, encheu de esperança o coração de todos os Portugueses de boa vontade. Afirmou este Homem do Governo que «é dever indeclinável dos responsáveis difundir a boa doutrina, a doutrina da paz e da conciliação social, fundada na caridade e na compreensão fraterna».

Depois de ouvirmos este compêndio de Doutrina, afirmado por tal Homem, sentimos uma força interior de vontade, se reconhecêssemos competência pessoal para isso, de ir até Ele prometer-lhe o nosso espírito de solidariedade e o nosso esforço de colaboração. Pedir-lhe que não desfaleça no plano que propôs à sua missão de Governante.

Mais, tivemos vontade de ir por todos os empresários e trabalhadores pedir-lhes que colaborem com o Senhor Dr. Veiga de Macedo para que dentro em pouco tenhamos em Portugal «a justiça realizada por imperativo da consciência e da doutrina e não por imposição do número e pela força da agitação»; para que todos retomemos o caminho da paz, porque «só a paz é progressiva e fecunda»; e nos unamos para a justiça de salários, pois que o «salário justo é exigência da dignidade do trabalhador».

Ouve-se hoje por toda a parte que o nosso país está muito aquém dos outros países na questão social. E todos nós observamos que isto é verdade. Uma grande parte do Povo Português vive em más condições humanas, pelo menos, em certas épocas do ano. Alguns, podemos afirmar, que não chegam mesmo a levar vida humana.

Qual a causa? Onde está a solução?

As causas vêm de todos nós e a solução está em todos nós. Demos todos as mãos ao Sr. Ministro, que Ele vai à frente a apontar o caminho. Se os ricos quiserem ser menos ricos, também os pobres serão menos pobres.

Ainda ontem chegaram a esta Casa dois pais, cada um com seu filhinho de oito anos pela mão. Um era pescador e outro jornaleiro. Tanto um como outro não ganham para ter os filhos consigo. O pescador não sabe quem é a mãe. O jornaleiro chora porque «as mães sabem tapar todos os buracos» e porque a mulher lhe morreu no Hospital há três meses e deixou-lhe cinco filhos. Despediu-se do seu menino e retirou-se esmagado de tristeza.

Os patrões dêem aos seus servidores condições justas de vida humana; justo salário familiar; assistência religiosa, hospitalar e de ensino; possibilidade de habitação honesta; garantias de invalidez por doença ou idade.

Os trabalhadores, sejam empregados ou assalariados, respondam à sua situação de servidores: lealdade e consciência no trabalho; reconhecimento da posição social do patrão; aspiração de família sã e honesta; dignidade de pessoa humana; espírito de economia.

Continua na 4.ª página

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

MEUS senhores, a Campanha continua. A fé, o entusiasmo, o sacrifício, o amor de todos os leitores cresce assustadoramente. Fica mesmo bem, aqui, este qualificativo: assustadoramente. Quiseramos chegar ao ponto de não haver mãos a medir na secção do jornal. E assim é. Os montes de cartas sucedem-se, com palavras de incitamento, actos de fé nos destinos da Obra; o despertar de consciências adormecidas, numa palavra, o sentido da responsabilidade no momento que passa são a constante da inúmera correspondência que recebemos, pejada de novos assinantes.

Esta quinzena demo-nos ao cuidado de—à sorte, não ligando a nomes nem terras—ler cartas de ou com novos assinantes. Logo a primeira que nos veio à mão afirma: «Verifico que se até aqui eram precisas assinaturas certas, agora muitas mais são necessárias e por tal motivo me inscrevo». A hora não é de deserção; de cerrar fileiras, sim. Eis o que afirma este novo assinante.

Senhores, cautela com a segunda. Piedosos a bater no peito: «Envio X para uma assinatura, como já há muito tinha desejo de fazer. Tenho, agora, muita pena de não o ter feito há mais tempo, enquanto palpitava, ainda vivo nele, todo inteiro, o saudoso Pai Américo». Despertar de consciências adormecidas! Pai Américo; eu acredito, eu tenho fé que jamais nos abandonarás: «É preciso que eu morra para que se faça luz». Ei-la. A chama a iluminar, a aquecer, a despertar corações: «tenho muita pena de o não ter feito há mais tempo.»

No meio da multidão que chega há os que se impressionaram e não resistiram ao ler, pela primeira vez, o nosso jornal. E cheios dos prodígios que Deus opera no mundo por meio da Obra da Rua comunicam aos outros: «Não posso demorar a fazer o pedido de uma assinatura para a minha casa e outra para uma pessoa amiga que deixou a fé católica por se tratar duma religião sem obras». Assim, como «naquele tempo», hoje na mesma — Deus serve-se do milagre da Obra da Rua para converter; e que conversões! Esta a maior revolução do Gaiato. A propósito, que hino teceria Pai Américo a este fragmento de carta? Oh saudade das saudades!

Aproveitando a maré, aí vai mais outra: «Com a mais sincera admiração e o maior apreço e desejo de colaborar nesta magnífica Obra, que é de todos nós, venho por este meio solicitar o favor de me inscreverem assinante. É sempre com a maior ansiedade que eu espero a sua saída e procuro ter a alma aberta para receber as palavras de Vida que ele nos dá». Aonde meus senhores; aonde, repito, jornal algum à face da terra haja dado tanto para receber tanto? «Procuro ter a alma aberta para receber as palavras de Vida que ele nos dá». Mas isto não é um, nem dois, nem cem, nem mil — esta é a palavra de milhares e milhares e milhares.

E porque não? Vamos prós cinquenta mil!

JÚLIO MENDES

CALVÁRIO

Amigo «General» já anda por lá. Eu não sei as complicações intestinais que irão surgir neste tempo de uvas... Se lá estivesse sempre, parece-me que decretava uma retirada estratégica até ao leito enquanto fosse o tempo das grandes tentações!

Eu nada lhe pedi, mas ele não se contenta em ser falado. Quer também falar. Quer agradecer e comunicar alegrias. Acho muito bem.

«Quero agradecer em primeiro de tudo a umas senhoras ou senhores que me mandaram uma tigela de doce. O meu muito obrigado.

Uma alegria emocionante quando soube que já tinha uma máquina de costura, que me mandaram. Eu só quero agradecer a esta gente e eu agora cá vou andar com a má-

O DOENTE POBRE NA FAMILIA PAROQUIAL

— Continuação da 1.ª página —

rio Paroquial? Onde conseguir casa apropriada, médico e remédios gratuitamente? O problema é, antes, este: há doentes pobres na paróquia? Sofre-se com eles? Se se vive uma ideia, realizar-se-á, superando todos os obstáculos. A Caridade é industriosa. Quem ama vence.

Quanto à casa, se não puder construir-se de raiz, alugar-se-á uma. Integrado no «Património dos Pobres», por que não levantar um edifício apropriado para Dispensário, Infantiário, Casa de Trabalho, etc? É tudo para os Pobres. Se, de facto, não houver outro recurso, até uma sacristia velha, local de arrecadações, devidamente adaptada, ou uma dependência da Residência Paroquial servirão. Os Pobres não poderão ficar sempre à espera da remoção das dificuldades.

Medicamentos há muitos nos consultórios dos Médicos das cidades, que, facilmente, no-los oferecerão, sabendo que são para os Pobres. O nosso amor por Eles será a melhor das apresentações. Quantos desejam desocupar as gavetas!...

E o médico... virá na hora própria. Aparecer-nos-á, quando tudo estiver feito e só ele faltar. Só terá a lucrar, aceitando o convite. Por amor de Deus? Sim, que venha por amor de Deus. Os Pobres não costumam pagar doutro modo, nem melhor. Se fosse caso de não aceitar o encargo graciosamente, poderiam, então, vir ao Dispensário, não somente os Pobres que nada pagariam, mas também as outras classes, que satisfariam os honorários costumados. Dividir-se-ia a população em três escalões: os que poderiam pagar ao Médico e à Farmácia; os que só ao Médico; os que a nenhum. Os primeiros iriam à Farmácia pelos medicamentos. Aos restantes seriam fornecidos pelo Dispensário, graciosamente.

quina. Vou trabalhar para mim e para todos nós.

Muito e muito obrigado.

General

A máquina é uma Singer industrial que deixou cubiçosos todos os alfaiates cá da casa. Da mesma Senhora veio mais uma mala com roupas.

Começam também a chegar respostas ao nosso pedido de alfaias para a Capela: um paramento roxo e uma sobrepele. E de Oliveira de Azêmeis chega a promessa dum turbulo e de um cálice e de toalhas de altar. Não tenham os senhores medo de repetir porque em Beire vão ser duas capelas. A que já existe, para a comunidade dos agricultores. E o velho espigueiro que vai adaptar-se e será a dos doentes, no coração do «Calvário».

Mais 20\$ do Bussaco e 30\$ de uma Mãe de Marinha das Ondas e 500 de Braga com o pedido de duas Missas. Mais cem por alma de Maria Paula e um riquíssimo lençol de linho. Visitantes deixaram 230\$. Uma Avó, 200\$00 em cumprimento duma promessa. 50\$ de uma admiradora e 90 de Ermezinde. «Para que o saudoso Padre Américo interceda junto de Deus no sentido de meu filho praticar sempre o bem». É a piedade maternal junta a caridade para com o próximo; 240\$00. «Pela salvação duma alma que se anda a perder», 500\$00. Mais 50 e 60 e 600 e roupa de cama e uma toalha de altar e 50 no Lar e roupa «de pessoa saudável» e mais 50\$ e roupa de «um casal» e 20 duma assinante e mais quanto vai ter ao Espelho da Moda.

«Em nome do nosso divino Mestre, 50\$ 00 pela felicidade espiritual do Padre Américo». À sombra deste Nome, nada na Terra é em vão. 50 de «um casal feliz» no 22.º aniversário do casamento. Outros 50 e uma Avé Maria pela conversão de meu marido e filha e cinco filhos».

Mais 500 para ajuda da máquina de costura. Já não serão para ela mas não falta para ajuda de quê. 50\$ para a «grande Obra». Dez vezes mais de Lourenço Marques e 200 da mesma terra, do assinante 29.808. De Viseu 50\$00. 1.000 de um médico a pedido da Esposa. «Que a alma do P. Américo olhe para todos nós». Assim seja. Outro médico com 25. Quando o Calvário estiver a funcionar em cheio, muitos médicos hão-de ser chamados a dar o seu saber. 100 de Vale de Prazeres, 70 do Porto e 1 dólar «para uma telha do Calvário pedindo ao Padre Américo que implore de Deus protecção para levarmos a Cruz da nossa vida.»

Esta súplica é-nos sempre presente. Basta estender nossa intenção, como Cristo no Calvário, a toda a humanidade.

Livro «Barredo»

Ainda restam alguns exemplares desta obra

Pedidos à Editora-Tipografia da Casa

do Gaiato - Paço de Sousa

Padre Aires

VISTAS DE DENTRO

*** Um carta: «Que Deus tenha iluminado bem o seu espírito nesses quatro dias de mais perto convívio com Ele, são os meus mais ardentes votos.

Agora mais do que nunca, a nossa Obra precisa do auxílio Divino e da compreensão dos homens. O rude golpe sofrido há pouco só prova, como disse, que a Nossa Obra é de Deus. Só temos a esperar com confiança a infinita Misericórdia d'Ele. Nas minhas orações tenho pedido a Deus que se não esqueça da Obra e de todos que por ela se interessam.

Passa hoje, 17, mais um aniversário da nossa Tipografia. Dia de moletes com marmelada para não fugir à tradição.

Daqui de Santa Margarida tudo como até aqui. Há apenas mais uma actividade: o Terço rezado às 5 horas em conjunto por MUITOS soldados. Não sei se a palavra «apenas» está bem empregada, porquanto o Terço rezado num quartel é sempre um triunfo para quem a ele se lançou. Não lhe parece assim?

Informo que recebi os livros que o Daniel me mandou. Os livros enviados não me servem porque era tudo de comédias. Mas fico na mesma contente pela boa vontade demonstrada em me atender.

Já me encontrei com o José Joaquim Teixeira. Conversamos quase durante duas horas. Perguntei-lhe notícias da nossa Aldeia, respondendo que tudo corria bem. Graças a Deus».

Não sei se a tropa o mereceu — disse deste, há meses, Pai Américo. Por mim penso que ele faz mais falta à Pátria aqui do que no posto que ora ocupa.

*** Fala-se às vezes na nossa «desorganização organizada» e os senhores podem julgar que isto por aqui anda tudo à sorte. Ora tal não é certo. Senão, eis um documento:

«Estes nomes são os vendedores:

Banana, Joaquim, Ramada, Carlos, Augusto, Lampreia, Gaito, Faisea, Cipriano, Bombeiro, Peixeira, Tuturia, Manuel das Eirinhas e Marmelo.

Peço por favor ao Senhor Padre Carlos se podia deixar ir logo ao Cireo porque nós ainda não fomos. Oxalá quan-



Ai tudo tão limpinho... — exclamam os visitantes. «Bombeiro» que o diga!

do ler este meu bilhete que esteja com saúde. Um abraço deste amigo que tem andado muito bem graças a Deus.

Mário José Correia Ramos (Banana)

Como se vê, «a ocasião não só faz o ladrão» mas até pode produzir um requerimento em forma, mesmo na Casa do Gaiato. É o chefe da venda e até ver o Camisola Amarela da dita. Aconteceu-lhe há dias, no Porto ser abordado por uma pobre mulher que gostava de assinar o Jornal mas não via maneira de juntar o dinheiro da assinatura. Não via, mas agora já vê. Banana disse-lhe que arranjasse um mealheiro e pusesse lá dez tostões por quinzena. «A isto já pode chegar.

E no fim do ano tem a conta certa».

Ora muito bem. Eu sou em tudo pelo Banana. Até, e sobretudo, porque assim se foge à comedela dos 30\$00 anuais que os senhores administradores pedem quando em cada ano só saem 26 jornais.

*** As brincadeiras a que são às revoadas. Se é tempo de futebol lá fora, temos aqui campeonatos de todos os feitios. Se héquei, hóquei. Agora estamos no rescaldo da Volta a Portugal. E então os recreios são passados em famosas corridas de arco e gançheta na mão. Eu não sei, e tenho medo de saber se os ar-

(Continua na quarta página)

Facetas de uma Vida

(Continuação da 1.ª pag.)

ta pedindo uma esmola. Américo levanta-se da mesa, vai à janela e diz ao pobre que bem podia ir embora, pois naquela casa já se não davam esmolas. O dono da casa havia morrido e os novos moradores eram outras gentes, doutros credos. O pobre retira-se. Chegado ao portão, Américo chama-o, e do seu bolso dá-lhe uma esmola. O pobre, atônito, a olhar para a mão onde tinha a esmola e para aquele que lhe dera, só sabia dizer: — «Esta família é e foi sempre sagrada» — o que repetiu muitas vezes.

Antes ainda de regressar de novo a África, deu uma vez mais largas à sua caridade. Foi à venda do Senhor Luís de S. Lourenço e abriu, em seu nome, uma conta para que este entregasse tudo o

que dois pobres, o Joaquim da Bica e o Garreto, lá fossem buscar. Regressado ao Chinde, voltou à mesma casa, mas em Maio de 1921 vamos encontrá-lo já em Lourenço Marques, na firma Breyner & Wirth. Em 1922 voltou novamente a Portugal para junto dos seus. Mas agora já não era o mesmo Américo. Vinha tristonho, não manifestava vontade de brincar, de cantar e de folgar. Era um Américo pensativo e concentrado. Regressou a África nesse mesmo ano (1922) para estar de volta definitiva mente em 1923. Continuava triste e pensativo. Visitou os seus. Com eles viveu algum tempo, até que um dia diz ao irmão Joaquim, em casa de quem estava que ia partir, que se ia embora. Não iria directamente a África Daria, primeiro, um longo passeio. Talvez à Austrália... Foi embora e como não dava notícias os irmãos informaram-se nas agências de viagem. Em nenhum delas figurava o nome do passageiro Américo Monteiro de Aguiar. Julgaram-no morto até ao dia em que um postal se viu vindo do convento de Vilariño da Ramalhosa, em Tuy, veio revelar onde se encontrava desde Outubro de 1923.

Havia, enfim, dado início a seu grande desejo de criança ser Padre, para melhor servir amando a Deus no próximo.

Bairro, 15/9/956

Joaquim Monteiro de Aguiar



Batatas, «batatadas», risos e lágrimas, tudo à mistura. Isto é a Casa do Gaiato.

Do que nós necessitamos

Os gemidos da nossa «Planeta» que, farta de imprimir, pede vida mais descansada e substituição por unidade automática capaz de aguentar o nosso ritmo, não ficou sem eco. Com tal destino vêm 200\$ de Tortozendo e «umas migalhas» que sobram de uma conta da Tipografia.

A. F. do Porto, «para manter bem vivas as Obras que nos deixou o Pai Américo», manda 1.000 prá Casa do Gaiato e outro tanto para Calvário e Património. Da Praça da República 300 e 200 de «um pequeno António» Os costumes dos 100 da Octávia. E outro tanto, «1.º abono do meu 6.º filho». Deus lhos abençoe a todos os seis. Angariados entre os frequentadores dos bilhares do Café Sport 720\$. Mais um cheque de Figueiró dos Vinhos.

Um velho «accionista» da «viúva dos 8 filhos» e da «do filho que barrega» 50\$00 para cada. Roupas, medicamentos e uma peça de pano de lençol. 600\$00 do 1.º aluguer de casa há muitos meses sem hóspede. «São uma gota de água, mas se todos os pequenos proprietários quiserem fazer alguma coisinha, será um mar».

Mais boa vontade heróica: 50\$00, fruto de um dia de trabalho de um motorista e o dobro do 1.º ordenado dum filho. 20\$ da Trofa em cumprimento de promessa.

Alguns cinemas que têm exibido o «Nã há rapazes maus» mandam alguma coisinha dos lucros. Compensam estes a comedela que foi quando da estreia da fita. Cine Brazão, de Valadares, em colaboração com o Clube de Futebol, 400\$00 e Vale Formoso, do Porto um pouco mais do dobro. 452\$10 de donativos conseguidos nos lugares da Cónega, Pevidal e S. Miguel, do concelho de Gondomar. Os lugares do Souto, Estação, Pinhal e Vizo, da Vila da Maia, fizeram o mesmo e arranjaram 430\$00. 100\$ de Carrizado Montenegro. É letra que aqui vem dar muitas vezes.

Em Boma, no Congo Belga, «onde o nosso jornal é recebido e apreciado» saíram à rua e arranjaram 1.300\$00. 100\$00 e «peço desculpa de ser pouco. Deus ajudou-me e eu entendo que também devo ajudar». É «uma Maria agradecida a Deus» e que não se fica em palavras.

Mais 4.000\$ de um grupo de visitantes em 16 de Setembro. Atenção «Senhora que lê do princípio ao fim» (são tantas as Senhoras e Senhores desta sorte!) pode mandar retrato para o refeitório dos «Batatas».

Agora alto lá! É o «Quiquinho», que foi da erva e agora é engraxador em Espinho. Pois veio cá e deixou 20\$. É tão singular uma visita destas dum ex-gaiato e tão modesto o seu officio, que eu quero-lhe um lugar à parte. Bem pena tive de cá não estar.

Visado pela

Comissão de Censura

Um casal envia «o primeiro aumento de ordenado depois de casados», 250\$. Mais Lourenço Marques com mil. Agora é Lisboa com dois mil pelo «Viagens». Mais 100 «duma pecadora» e agulhas de injeções. Cascais com 100 e Carcavelos com 50. De H. C. B. receberam-se os últimos cem e com certeza todas as remessas anteriores.

O Pessoal da Firma Jayme da Costa veio de visita e deixou 3.000\$. O da Firma Fernandes e Moreira, nas duas lojas, juntou 2.970\$. Mais 500\$ de um empregado da Chenop e 150\$ «do Pessoal da Litografia União». Mil de «Ninguém». Tudo quanto entregam no Espelho da Moda, seja dinheiro ou roupas. Outra vez Lourenço Marques com 50 e com 100 e logo acima, da Beira, «Cruz» envia 500 em acção de graças. Do assinante 27.641 cem para os Pobres do Pai Américo. 300 de Tomar e um relógio de ouro não digo donde. «Os dois amargurados» voltam com 50\$.

Em cumprimento de promessas 100 e outro tanto e metade e o dobro e não sei quanto da Tontinegra do Moinho. Para o que for mais necessário 200 e o mesmo e metade.

Agora é a vez dos grupos. O Dramático Luis Marinho 1.100\$; Moradores da rua do Paraíso 270; Mais o dos Guindais e da JOCF de Rio Tinto e os Verdes da Victória com 200 e os organismos da A.C. da Senhora da Hora com 167\$50.

Fecha a coluna um Pai em nome de seu filho. «Concedeu-me Deus a graça de ser promovido ainda bastante novo. Sem querer pagar-lhe essa graça, o vale junto é uma simples lembrança dum peccador para uma Obra inspirada na Sua doutrina e que tanto queria seguir à risca».

Património dos Pobres

Continuação da seg. página

social é notável. O Páreo chama-se Américo. Tem semeado em lágrimas e suor, que o povo é ingrato e frio. Mas tudo está tão certo, que é impossível que se não venha a colher. Talvez Deus destine a colheita a outro... Ele tem os Seus caminhos, esquisitos!

Voltámos a Viana e por Barcelos seguimos a Família. Nove casas. Há dinheiro e há terrenos para mais. O que ali há sobretudo é o «querer» dum padre. O resto vem por acréscimo. De Vila Nova um desvio a Santiago da Cruz e outro a Ribeirão. Depois Areias, de Santo Tirso onde já há casas e vão ser mais. Depois, em Santo Tirso, um «jesuíta» para mim e outro para o Tomar e mais quatro, que foi preciso guardar de perto, mas ainda chegaram inteiros às quatro senhoras que tenho de aturar. Depois Agrela com três moradias muito grandes e demasiadamente pobres de construção. Depois a alegria de voltar à nossa Casa.

Uma Carta

Não posso por mais tempo conter a alegria imensa que me inunda a alma. Talvez já o devesse ter feito: disso peço desculpa. Queria juntar à notícia uma fotografia das casas, mas não me foi possível. Irá depois.

Realmente no dia 2, depois da Santa Missa, rodeado de muito povo e de algumas autoridades, entreguei a quatro famílias pobres as primeiras quatro moradias.

Dizer-lhe tudo o que se passou no meu coração de padre e nos corações de toda esta gente que assistiu ao acto não é fácil. Simplesmente lhe digo que foi um dia de exaltação da caridade do Evangelho, na sua expressão mais pura.

Que mágoa sentimos não termos junto de nós a presença sensível do saudoso Padre Américo.

A partir deste momento Aldeia Nova passa a ser mais rica. Quatro famílias pobres que não tinham casa e viviam quase num tugúrio, têm agora um cantinho confortável onde viver juntamente com os filhos.

Mas não paramos aqui. Vamos iniciar brevemente mais quatro. As despesas serão custeadas na sua maioria por quatro famílias generosas desta terra. Estes já compreenderam que o pobre sem agasalho e faminto é Cristo que precisa do nosso auxílio.

Procurei que tudo se fizesse com a máxima simplicidade. À maneira do Padre Américo. A benção do ritual, entrega das chaves aos chefes de família e no fim uma palavra de explicação, de incitamento a proseguirmos a Obra. E foi tudo.

CRÓNICA DE PAÇO DE SOUSA

— No próximo dia 21 de Outubro é o Dia Missionário Mundial. A nossa grande família não esquecerá este dia. Não temos a esmola, mas temos a oração. Pedir pelo crescimento da fé é o mesmo que trabalhar pela paz. Que Cristo entre nas longínquas paragens da África Negra e da Ásia. Que tenha ali o lugar que lhe pertence. Que cresça e se torne mais forte o Corpo Místico. É à roda do Altar, com os filhos à volta do Pai, que lhe pedimos nos dê muitos missionários prontos para o martírio, pois a «Messe» é grande e os operários são poucos».

— Ui, tanta gente! De todos os lados, categorias, credos e línguas. É este o panorama geral da cidade dos rapazes. Somos abafados com tanta gente que nos vem trazer o seu apoio e carinho. Chegam alguns com o coração a sangrar. Desabafam. Entram. Apalpm. Sentem. Vão-se erabara confortados. Sentem mais força para a labuta constante da vida. Quantos não fazem suas confissões! Quantos com o propósito de uma vida nova!

A Casa do Gaiato é o sítio onde toda a gente se sente bem.

— Miau, Miau... Miau, Miau!...

É um gatinho lindo que cá temos, que veio do Lar do Porto. Lá está ele a comer à beira do fiscal das pombas. Agora ao pé do Jaimito. Mais logo é o Pastelão e lá anda ele em roda constante. Todos gostam dele. O quem é à sua beira.

Só falta pôr-lhe um talher e sentá-lo comendo à mesa... Também faz parte da grande família e é um dos elementos mais felizes, juntamente com o «senhor» Marão e o «Dado».

— «O Barredo», Há gente que pensa-

VISTAS DE DENTRO

— Continuação da terceira página —

cos são os do ano passado ou se houve novo assalto ao nosso armazém do ferro. Oxalá o Sr. Dr. Avelino Soares e o Senhor Cunha, mais o senhor Castanheira, que desde há muitos anos são os membros do nosso conselho administrativo, sejam da minha opinião e também não queiram saber. Senão...temos aí uma sindicância!

Outra carta:

«Em primeiro de tudo lhe pede a benção este seu filho. Não querendo e não podendo esquecer os meus rapazes da Casa 4 a todos desejo uma continuação de perfeição. Saudades para eles e um grande abraço para o meu chefe, que pode fazer muito pelos rapazes se ele dedicar o seu trabalho para seu bem e honra e glória de Deus.

Escrevo-lhe este postal só para lhe passar o conto a um saco de centeio para semear num campo que mandei lavrar, e estando ele já pronto só esperamos pelos 50 Kgs. de centeio com que o nosso gado se vai regalar. Nós comprávamos semente mas ela está cara e não se dá neste tempo e o centeio dá-se bem e dá três cortes, por isso já está a ver que é bom. Só esperamos pelo saco para o lançar à terra segunda feira ou neste sábado, se não estiver em antes. Não se esqueça.

Outras notícias.

O refeitório é só um e o carneiro e o vitelo já foram.

Isto agora é da Senhora. Ela clama que quer galinhas, porque diz ela que estas não prestam, e eu acho bem porque as galinhas de Beire são dela, por isso é despachar duas frangas e um frango e uma ninhada de pintos que ela tanto os gaba. Esperamos por tudo isso dentro em breve. Está-me sempre

a perguntar se passa cá o Natal. Eu digo sempre que sim e ela fica toda chatiada porque diz que isto é para os novos e eu digo que é para os velhos e andamos sempre assim. Adeus.

A todos os nossos chefes cumprimentos e saudades e que continuem a progredir no meio da comunidade».

Esta vem do Tojal, do meu «feitor», que daqui foi comigo e lá ficou, a servir. Não é só este, há mais assim, a servir, pelas Casas do Gaiato. É certo que a nossa vida não é só de rosas, mas verdadeiramente isto é a Casa do Gaiato.

SETÚBAL

— Continuação da 2.ª página —

Neste ponto há muito que dizer às classes mais humildes, sobretudo nas vilas e cidades. As horas livres são passadas nas tabernas, no jogo e na bebida. Aquilo que se ganha durante o dia, esbanja-se à noite, sem proveito. A vida de família não conta. A educação dos filhos não vale. O auxílio em casa não marca. Quando se chega a casa vem-se transtornado. Os filhos vadiam pelas ruas aos magotes ou já metidos no vício. A mãe chora em casa com os mais pequeninos, com o lume apagado e sem ter com que fazer o caldo, nem com que remendar os farrapinhos.

Isto não é fantasia. Quem não acreditar, passe a certas horas da tarde ou da noite pelas ruas mais estreitas.

A cruzada social que urge e que o senhor Ministro aponta é cruzada de todos: organismos corporativos, empresários e trabalhadores. Quando todos se derem as mãos, a vida humana torna-se para todos vida mais justa.

Padre Horácio

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Como o ano passado, fomos a Caldelas retemperar forças e aliviar sofrimentos. Sendo, na verdade, um problema a falta de espaço no «Gaiato», não podemos deixar de agradecer gentilezas e muito carinho de que fomos alvo, da parte do senhor Carlos Borges administrador da Empresa Termal, do senhor Dr. Formigal e do senhor Cardoso proprietário da Pensão Universal. Muito a propósito: não sei se leram em o «Agora» do último número que no Grande Hotel de Caldelas Sr. Padre Brochado pregou a Obra da Rua e no fim os assistentes abriram-se em generosidade. Mais: na Pensão Universal um mealhinho pró Património dos Pobres re-

colheu moedas, que entregamos ao Sr. Padre Carlos.

Que este espírito de generosidade seja imitado em todas as terras do país. E porque não?

O QUE RECEBEMOS: Argentina Nunes, 30\$00. Céu Frias, de Elvas, 50\$. M. Silva, de Lisboa, o dobro. Maria da Luz Maia, de Pardelhas, 10\$. Um anónimo de Coimbra, 30\$00. Assinante 30.084, 20\$. Atenção Lourenço Marques: «Faço entrega da importância de 250\$00 para a Conferência, contribuição mensal de Isaura Martins (100\$), Angelina Fragoso (100\$) e 50\$ para o Pobre de Maria de Lourdes Seixas, assinante 32.024». António Pinho Nunes, 20\$. Adélia Duarte Oliveira, 11\$00. Rosalina Lopes de Castro, 25\$. Que Deus tenha em Seu eterno descanso a alma de seu marido. S. Mamede de Infesta: «Peia santa memória do sempre chorado e querido Pai Américo, e para que ele vos proteja sempre, assim como a mim, e a todos os meus».

Adolfo José da Fonseca, 100\$. Dr. Alonso Vasquez, 25\$00. Regina Ribeiro 20\$. Senhora A. F., do Porto, «os costumes 20\$00». Artur Mendes da Fonseca, 25\$. Augusto Ramalho, 20\$.

Daniel Borges da Silva

Júlio Mendes